

Quereis dinheiro? Muito dinheiro?

Vão habilitar-vos a loteria no

GAMA

Antiga casa Manaças

Rua do Amparo, 49

**NUMERO
AVULSO
DEZ
CENTAVOS**

Sempre grandes!

ATENÇÃO: TODOS OS AVULSOS

Livraria Sá da Costa

24, L. do Prado Novo

7, Travessa do Convento de São

Telefone 2841-Central

A VENDA:

Livros para todas as Escolas.
Poés, quer primarias, secundarias,
superiores. Novos e usados, com
estes, com grande economia.

Não comprem, trazeis de
vendiam livros sem ver os
na casa.

Especialidade da casa:

Livros sobre todos os assuntos e
em todas as linguas e quando não
tenha em deposito entrega-se de
gratuito.

Boletim bi-mensal enviado gratui-
tamente a quem o requisitar.

VAGO

Numero 2



Ano primeiro

Mai 1917

ALBA

Revista de Novos, mensal, Literária e Artística

Director Literário: -VASCO CAMÉLIER Director Artístico: -FRANCISCO CALADO

Redactor: -MÁRIO ALVES PEREIRA Administrador: -RUI RIBEIRO

Editor: -ANTÓNIO PINTO DE CAMPOS

FUNDADORES: — Francisco Calado, Mário Alves Pereira, Queiroga Santos, Rui Ribeiro, Vasco Camélier

SUMÁRIO

Sonhar	A. Campos Ferreira
Soneto	Queiroga Santos
Maré cheia de Saudade	Américo Durão
Jesus	Verdu Martins
Cartas a Miss Mary	Vasco Camélier
Nossa Senhora do Sol-Posto	"
Mutação	Rui Ribeiro
A oração das Catedrais ao Poente	João Cabral do Nascimento
Soneto	Luiz J. Pinto
A Cavalgada	Alfredo de Freitas Branco
CRÓNICA:	
Domingo de Sol	José Maria Mercier Marques
Teatros.	
Bibliografia.	

NOTA: — Aceita-se e solicita-se a colaboração de todos os Novos.

REDACÇÃO: -Rua Vitorino Damásio, 26, 3.º

ADMINISTRAÇÃO: -Rua dos Castelinhos, 1, 1.ª c.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

CONTINENTE E ÁFRICA

Um ano	1\$20
Seis mezes	\$60

BRAZIL

Um ano	6\$00
------------------	-------

As assinaturas são pagas adiantadamente.

“Ao propósito firme segue o efeito.”

CAMÕES.

Sonhar!...

Instruir e fomentar o desenvolvimento da civilização, eis o grande e verdadeiro fim da Literatura. O intercambio das ideias é indispensável à marcha da civilização e a melhor maneira de vulgarizar aquelas é dar-lhes a publicidade do Livro.

Palavras leva-as o vento!... O que se escreve sempre tem maior duração: a pena é mais vagarosa do que a língua.

Ora, para bem desempenhar a sua missão, a Literatura deve, a meu vêr, revestir dois aspectos opostos. Quando pretende construir num fim positivo, objectivo, deve ser desnudada de todos os idealismos, deve ser o mais terra-à-terra possível para melhor se deixar assimilar e para não sacrificar a Substância à Forma.

Quando o fim do Livro é subjectivo, quando pretende atingir o campo afectivo, deve ter um character oposto: deve ser leve e flexível como a Sensibilidade, deve preocupar-se com a Forma tanto ou mais que com o Assunto.

Nem sempre se lê para aprender; muitas vezes se vai procurar nos livros o socêgo de alma, o deleite espiritual. *Vae-se reconfortar o Espírito já que na luta quotidiana somos forçados a dispender extraordinárias energias físicas. *Le livre est un ami que ne trompe jamais.**

Encarado sob esta faceta, o valôr do Livro é incontestavelmente grande.

A literatura romântica teve graves inconvenientes; mas nem sempre se pode tolerar o realismo! O mundo é hoje essencialmente positivista, marcha-se, infelizmente, para o materialismo; seria imperdoável que a Literatura e a Arte seguissem na mesma senda! É preciso conservar e defender os Ideais e é a Arte e a Literatura que lhes podem dar o devido realce.

Já que inevitavelmente temos de seguir a corrente é sofrer com todas as realidades da vida, que nos seja lícito gozar espiritualmente do Bom e do Belo em absoluto.

Eu gósto de esquecer o Mundo, gósto de fechar os olhos para não ver o Real e quedar-me em contemplação e êxtase perante o Ideal.

As Sombras quando belas, as Ilusões quando nos seduzem e os Sonhos que nos arrastam, são forças que convem não desprezar, são factores importantes na nossa vida mental e mesmo física. A todo o corpo robusto é necessário um espírito tranquilo e feliz. O esgotamento espiritual, o desprazer estético, são mais perigosos do que o abatimento físico; aquêles cêdo acabam por provocar êste.

Eu gósto de sonhar!... Gósto de me incarnar em épocas, personagens e locais distantes!... E porque não hei-de eu sonhar? Não será a própria Vida um sonho? Quando despertamos: ao nascer ou ao morrer?... Mistério!

Eu adoro o Mistério e o Sonho!

Abril, 1917.

A. CAMPOS FIGUEIRA.

Soneto

Para que lamentas tu, meu pensamento,
Tormentos tão custosos de passar?...
Não chores mais, cuidado, é um momento...
Minha alma dorme, deixa-a descansar!...

Os sonhos de ventura que lhe deste,
De forma etérea, vaga e delicada,
Foste tu que depois lhos desfizeste,
Deixando-lhe a existencia amargurada!

Desejos, ilusões, tudo desfeito,
Guardado jaz num canto do meu peito,
Onde, bem sei, tu queres a custo entrar;

Mas junto dessa campa está minha alma...
Descança por momentos doce e calma;
Está dormindo, deixa-a socegar!...

1917.

QUEIROGA SANTOS.

Maré cheia da Saudade

Cativou-se do meu doloroso perfil de Artista.

Não me recordo... Tudo névoas e os braços da saudade que me abraçam.

Era alta e loira. Suave, elançada e fina, como as rosas de trepar que se enlaçam aos ciprestes.

Em seu redôr tudo se impregnava de Ela, e, como a temer-se do confronto, a luz ungia de penumbras o seu vulto heráldico.

Não me lembro de A ter visto sorrir. Tentava-o, por vezes, mas não o conseguia nunca. Apenas os seus doces olhos, talhados em amêndoa mais e mais se humedeciam.

— Maria Madalena!

Andava sempre de luvas. Por Acaso aquela tarde trouxera nuas as mãos brancas e esguias que não sabiam trabalhar e se magoavam sòmente às horas doentes do crepúsculo no marfim das teclas do piano, a denunciar lhe a alma hipersensível de Artista.

Ao ver-lhe nus, sem jóias, os dedos brancos, fuselados, cheio de medo lembrei-me: «Ah, meu Deus! se faz vento, leva-os, como às pétalas daquela rosa pálida e saudosíssima que me atraíra na véspera pela transparencia da sêda em que o Senhor as talhara». Mas não. A tarde tinha-se deixado amorosamente impregnar do seu vulto-alma, e morria-se em delíquios perturbantes.

— Maria Madalena, porque não trouxe luvas?

Em resposta, apenas os seus olhos doces e langues mais e mais se rasgavam, como quando tentava sorrir e, nostálgicos de graça plena, esqueceram-se deslumbrados, vagos, distantes.

Assim passavamos as tardes. As nossas conversas era o silêncio que as tecia. Não me lembro das coisas lindas que as nossas bôcas não disseram. E se me lembrasse não viria contar-lhas. Para quê? Se as não entenderiam!...
Maria Madalena.

E as suas mãos que, de luvas, até àquela hora incestuosa e poentina mal haviam tocado os meus dedos, abandonaram-se às minhas. Depois, sem transição, rápida, nervosa, louca, toda sombra e desejo colou a boca vermelha e linda nos meus lábios cerosamente pálidos.

Nem um grito, uma palavra, um gesto, e os olhos cerraram-se-me em desmáio longo.

Lisboa, Máio 1915.

AMÉRICO DURÃO.

Jesus

Vinte séculos ha que o bom Jesus
O seu olhar abriu à luz do dia,
À deste mundo que, mais tarde, havia
De pregá-lo, entre insultos numa cruz...

Amou os pobres, os sem pão nem luz,
Quantos a velha e crua Tirania
Nas suas gargalheiras oprimia,
Como se à Vida não tivessem jús...

Amou, lutou, sofreu! O próprio sangue
O deu, sorrindo, pela Humanidade
Do alto dum patíbulo romano...

Mas nem deante do seu corpo exangue
De mártir da Justiça e da Verdade
Se tornou este mundo mais humano!

VERDU MARTINS.

Cartas a Miss Mary

Minha pequenina e encantadôra Esfinge — Pergunta-me v. na sua última carta o que é que afinal eu penso do amor. Pede-me, entre aterrorizada e irónica, que lhe responda se é o amor de capa e espada, de que lhe falei, o ideal do meu sentimento.

Mas, querida amiga, tudo tem o seu tempo!

Falei-lhe do amor aventura, como lhe poderia ter falado da paixão feroz e santa de Sórora Mariana ou da loira D. Inês, simplesmente pelo prazer de aspirar consigo o perfume suave do passado.

Hoje não; hoje o amor é qualquer coisa mais ou qualquer coisa menos. Antigamente aos dezoito anos delirava-se; hoje, sonha-se... acordado!

Antony e Werther enxugaram as lágrimas no manto de Arlequim e aprenderam a *Arte do Sentimento* — a vêr na mulher amada não já o sêr que nos escravisa e tortura a vida inteira, mas a flor que colhemos ao passar, que aspiramos e deixamos para traz logo que outra mais bela nos aparece.

O amor constante, o amor de cadeado, que vai do primeiro suspiro à insipidês do casamento, à vida seráfica do lar, entre o rol das compras e o barrete de dormir, será belo para o burguês honrado e moral a quem desabrocharam o sentimento as páginas sangrentas do Rocambole, mas para nós, mocidade do século xx, muito mais imoral mas muito mais artista também, o casamento é qualquer coisa de trivial que devemos afastar com a ponta da bengala como um verme pegajoso e incómodo.

Não se pode amar toda a vida a mesma mulher, nem temos o direito de sacrificar a preconceitos ridículos a mais sublime manifestação da alma humana, fazendo do amor uma regra fixa. Essas criaturas casadoiras e sãs, não vivem; mascam a vida e engolem-na sem saborearem o que ela tem de belo. Suponha, querida Mary, a vida uma taça de oiro em que scintila o nectar do prazer; se o sorvêrmos a minúsculos goles, levâmos mais tempo a esgotá-lo mas não lhe percebêmos o sabor; se pelo contrário o bebêrmos dum fôlego, embriagâmo-nos, entontecêmos, mas aspirâmos-lhe todas as doçuras sem lhe notarmos os amargôres. E' bem preferível renunciarmos à longevidade prometida pelo casamento e *vivermos* a vida, embora por menos tempo.

Não vá v. agora julgar-me um cínico que veja no amor a posse da mulher, a satisfação dum desejo e nada mais! Admito a existencia do amor sincero; só não compreendo a concepção dum amor único. Ama-se verdadeiramente, mas duas, tres, quatro, cinco vezes; tantas quantas as mulheres que o destino deitou à nossa vida para a juncarem de flôres!

Decididamente, minha querida amiga, as mulheres fatais não existem; criou-as a fantasia mórbida dos poetas do século xix para tormento das patetas do século xx!

VASCO CAMÉLIER.

Para do Sol-Posto

Quão amo o Sol poente
 Maria
 rouxinol dolente
 e chora tristemente

Costo às vezes de escutar
 e agua a cair,

Que se finou a amar
 sempre a sorrir?

Lágrimas de fogo...
 Ouge... e o dia morre logo...
 parte de longada,
 or Deus e sua amada!... —
 estrêla, um lampejo
 u primeiro beijo...
 o... resar

Seu olhar,
 s!...

.....
 no o fim do dia,

... a Avê-Maria?...
 úrio que sorrí
 céu de Agosto,
 te de ti
 do Sol-Posto!

VASCO CAMÉLIER.

Mutação

Pensa, Maria? — não; Sonho.....

 Quedava-se a fitar o campo com o seu olhar negro em que faiscavam
 scentelhas de uma candura perfumada.

A noite caía a beijar-lhe docemente a cabeleira, e os olhos perdiam-se
 pelo espaço, interrogando as estrêlas, alongando-se pelo Além como se buscas-
 sem, lá longe, um bem.

Um dia, os seus olhos já não procuraram as estrêlas; o seu corpo tomou
 uma forma nova e, como se nele corresse torrentes de lavas, ganhou um todo
 opduloso, excitante como uma carne alva de pekadôra.

Um sorriso tímido, depois ousado floriu-lhe a bôca pequenina e voou
 docemente a desfazer-se nalgum sonho distante, voltou a iluminar-lhe os olhos
 sombrios, a acender neles uma luz estranha, a aureolar-lhe a cabeça melancólica,
 a realçar-lhe o busto divinal e imperfeito e fugiu outra vez para tornar, de quando
 em quando, a dar-lhe aquela luz exquisita que desabrochava em raios palpitan-
 tes.

Os seus olhos voltaram a alongar-se pelo ceu; a sua alma embalou-se no
 cantar das campinas, naquela posição abandonada que a marmorisava, em que
 parecia entregar-se a alguém, que de longe lhe beijava a fronte num desejo
 constante de lhe beijar a bôca.

Um dia seguiu com os olhos um pombo de neve, que lhe roçou a fronte
 com a aza de espuma; e, ao vê-lo desaparecer, uma lágrima luziu nos seus olhos,
 brincou nas pestanas e caiu naquela bôca pequenina que a sorveu.

Um tremôr convulso passou-lhe no corpo, levantou-lhe o seio numa ansia
 traidora, acabou num suspiro que os seus lábios deixaram fugir e deixou-a a
 fitar aquele mundo estranho que em fantasias galopadas corria na sua frente.

.....
 Sonha, Maria? — Não; amo.....

Abril de 1917.

RUI RIBEIRO.

Do livro em preparação: *Clarões do Ocaso*.

A oração das Catedrais ao Poente

Oh Catedrais de cinza, — oh Catedrais de Outono,
Desmanteladas, góticas, ardendo
Por uma tarde de oiro e abandono...
Altos vitrais alaranjados,
E os pórticos fechados
E as esguias janelas transcrevendo
Toda a agonia do Sol-pôr!

Andam aves exóticas, voando
Sobre a esmeralda pálida do Mar
E as velhas Catedrais desmoronando
As pedras tombam, vão tombando —
E esfarelando
Lentamente, caíndo, devagar...

Oh Catedrais dos séculos, dormindo
Em atitude lassa, em ar de Sonho e Graça
Na penumbra morena do poente;
Branças as velas cruzam no Oriente,
Levando a cruz simbólica da Raça.
E as Catedrais recolhem-se a pensar
Que aquelas Naus arrastam para o Mar
A Fé de Deus e o espírito da Igreja

E sem que o sol as note, sem que o Mar presinta!
Sem que ninguém as veja,
As Catedrais artistas tombando
Vão pouco a pouco e pouco ajoelhando,
E ficam-se rezando
Afervoradamente.

E sem que o sol as veja, sem que o Mar presinta!

E o Poente
Com as mãos cheias de tinta,
Parece uma mulher que pinta
Seu cabelo, em tons vermelhos...

Mas a noite, porém, vem se alongando,
E as Catedrais antigas vão tombando
E ficam de joelhos!

JOAM CABRAL DO NASCIMENTO.

Soneto

Meu Deus! Abre a minha Alma e vê depois
Que traços de ser minha ela contem!
Quem sabe lá se ela pertence a dois...
— Se é minha, se é de dois, se é de ninguém...

Vê tu, porque eu não quero andar, a esmo,
Dando-a a qualquer mulhêr, que me enfeitece!
Pois quem foi que, ao nascer, quem foi que disse
Que é desta ou que é daquela — ou de mim mesmo?!...

Habituei-me a crêr que amando, sinto.
Mas eu sei lá se ao dizer isto minto,
Pois ninguém diz que antes de amar eu pense!

Se é minha, quero-a toda, por verdade.
Mas se é de dois — meu Deus! — leva metade
Àquela... que eu não sei a quem pertence!

Coimbra, MCMXVII.
(Do livro *Novena a sahir.*)

LUIZ J. PINTO.

Nossa Senhora do Sol-Posto

Não sabes porque eu amo o Sol poente
 E a paz da Avè-Maria
 E o sino a soluçar e o rouxinol dolente
 Que nos fala de amor e chora tristemente
 Ao expirar o dia?

Não sabes porque eu gósto às vezes de escutar
 As ingénuas canções de agua a cair,
 Que falam de martírios,
 De rosas e de lírios,
 Dum loiro menestrel que se finou a amar
 Sempre a cantar amor, sempre a sorrir?

Ver o Sol a descer em lágrimas de fogo...
 —E o sino dobra ao longe... e o dia morre logo...
 E vai-se muito triste e parte de longada,
 Paladino do Amor — por Deus e sua amada!... —
 Adivinhar no céu uma estrela, um lampejo
 Trémulo como foi o teu primeiro beijo...
 E ciciar-lhe uma oração... resar
 Os cânticos mais belos
 Inspirados no céu do teu olhar,
 Na luz dos teus cabelos!...

.....
 Já sabes porque eu amo o fim do dia,
 Os lírios côr de neve
 E o beijo muito leve
 Que à tardinha nos dá a Avè-Maria?...
 É que em cada murmúrio que sorrí
 Sorrisos de anjo pelo céu de Agosto,
 Terno o Poente fala-me de ti
 Minha Nossa Senhora do Sol-Posto!

Março de 1917.

VASCO CAMÉLIER.

Mutação

Pensa, Maria? — não; Sonho.....

 Quedava-se a fitar o campo com o seu olhar negro em que faiscavam
 scentelhas de uma candura perfumada.

A noite caía a beijar-lhe docemente a cabeleira, e os olhos perdiam-se
 pelo espaço, interrogando as estrêlas, alongando-se pelo Além como se buscas-
 sem, lá longe, um bem.

Um dia, os seus olhos já não procuraram as estrêlas; o seu corpo tomou
 uma forma nova e, como se nele corressem torrentes de lavas, ganhou um todo
 ondulado, excitante como uma carne alva de pecadôra.

Um sorriso tímido, depois ousado floriu-lhe a bôca pequenina e voou
 docemente a desfazer-se nalgum sonho distante, voltou a iluminar-lhe os olhos
 sombrios, a acender neles uma luz estranha, a aureolar-lhe a cabeça melancólica,
 a realçar-lhe o busto divinal e imperfeito e fugiu outra vez para tornar, de quando
 em quando, a dar-lhe aquela luz exquisita que desabrochava em raios palpantes.

Os seus olhos voltaram a alongar-se pelo ceu; a sua alma embalou-se no
 cantar das campinas, naquela posição abandonada que a marmorisava, em que
 parecia entregar-se a alguém, que de longe lhe beijava a fronte num desejo
 constante de lhe beijar a bôca.

Um dia seguiu com os olhos um pombo de neve, que lhe roçou a fronte
 com a aza de espuma; e, ao vê-lo desaparecer, uma lágrima luziu nos seus olhos,
 brincou nas pestanas e caiu naquela bôca pequenina que a sorveu.

Um tremôr convulso passou-lhe no corpo, levantou-lhe o seio numa ansia
 traidora, acabou num suspiro que os seus lábios deixaram fugir e deixou-a a
 fitar aquele mundo estranho que em fantasias galopadas corria na sua frente.

.....
 Sonha, Maria? — Não; amo.....

Abril de 1917.

RUI RIBEIRO.

Do livro em preparação: *Clarões do Ocaso*.

A Cavalgada

(Trecho do livro a sair: «No Exílio»)

.....

Numa curva rápida da estrada a custo retenho o galope do meu cavalo para deixar passar um cortejo fúnebre que se vai caminho do cemitério. Quatro homens transportam o esquife onde se adivinha, sob o pano negro, marcado pela agonia de uma cruz branca, um corpo humano, franzino, mirrado, envolto num lençol... O presbítero numa voz cadenciada e sonolenta vai resando as orações dos mortos. De quando em vez interrompe o murmúrio e o acólito responde bocejando um monótono: *amen*. Atrás, por acompanhamento, seguem dois mendigos alquebrados, vergados ao pêso dos anos e da desgraça, amparando-se mutuamente, as faces banhadas de pranto; e agarrados aos andrajos que cobrem os membros emagrecidos, esqueléticos dos velhos, vão duas creancinhas semi-nuas, descarnadas! Uma dor sincera transparece naqueles semblantes rudes... É uma pobre, morta de fome e de trabalho árduo, que vai descer à cova, que vai enfim repousar, com a expressão da suprema angústia nas faces lívidas, deixando no mundo esses quatro entes queridos, débeis e esfaimados, de quem fôra o único amparo. Morreu miseravel como vivêra, sem um conforto, além da Fé, que encoraja e das lágrimas que vemos bailar nos olhos dos que amámos quando nos vêem sofrer.

Mais além avança um séquito numeroso, imponente. É o funeral de um rico a quem o desespero de vêr morrer o filho único, levou ao suicídio... Acompanham-no à ultima morada: a família, os amigos, os serviçais, povo e mendigos. Falam baixinho, na fortuna do finado, nas festas, na pompa do seu viver. Nem uma lágrima deslisa, manso, por aqueles semblantes indiferentes, onde as sombras de tristeza por vezes se desvanecem num sorriso esquecido.

A porta do magestoso mausoleu, girando nos gonsos, cerra-se pesadamente. Ao lado o coveiro hercúleo, num gesto distraído deita as primeiras pás de terra sobre o cadáver da mendiga.

O luzido acompanhamento vai dispersando enquanto as creancinhas rôtas e os pobres velhos, debruçados sobre a terra ainda revôlta, vertem lágrimas que sobem do coração.

Agonia do sol: entardece! Esbate-se lentamente nas sombras da alameda de ciprestes uma esbelta figura de mulher. Abeira-se do sumptuoso mausoleu

e olhando a porta de ferro fica-se um momento, o olhar esquecido numa expressão de extrêma angústia; depois afasta-se e aproxima-se do mísero grupo. — «Padre nosso que estais no ceu! Santificado seja o vosso nome! Venha a nós o vosso reino e seja feita a vossa vontade, assim na terra como no Ceu». — Finda a prece erguem-se. A Fé lenifica: anestesia a dôr. E os quatro pòbresinhos — os velhos e as creanças — afastam-se movendo os lábios no fervor de uma oração muda, com os olhos ainda marejados de pranto, mas com o espírito calmo... A misteriosa dama segue-os com o olhar sorrindo: «Bem aventurados os que têm Fé e creem em Ti, Senhor...»

A pouco e pouco desvanece-se, como azulado fumo em espiras, a sua figura de eleita, mas consigo ainda vêr, entre as alvas dobras da túnica grega, um dos emblemas que traziam as amazonas: a Cruz.

Os pòbresinhos transpõem o portal da triste mansão dos mortos; e então, do mármore das jazidas aos covais rasos, tudo recai em socêgo, num longo espasmo de silencio, enquanto os vermes devoram, surdamente, aqueles corpos que a morte prostrou e que breve serão cinza e pó.....

ALFREDO DE FREITAS-BRANCO.

Crónica

DOMINGO DE SOL

Era domingo — dia de tourada. Amanhecera quente e agora, quasi meio dia, o calor sufocava.

O sol esbrazeando o ar, brilhava com uma luz crua e enervante.

A cidade sonolenta e molengona, distilando suor, lá ia arrastando as saías pela poeira das ruas.

Nas valéas, regorgitando de dejectos, amareleciam papeis velhos e, nos caixotes, o mosquedo zumbia monótono, revoloteando em torno das miudezas fétidas dalguma galinha.

Nos electricos, apinhados de gente, viam-se caras festivas e luzidias.

As portas dos cafés, sujeitos de cores saudáveis chupavam as palhinhas das carapinhadas vermelhas de carmin, abancados nas mezas esparsas pelo passeio.

Sopeiras endomingadas, gozando a bem-aventurança do descanso passavam em doce idílio com caixeiros ajanotados, um lenço vermelho espumando no bolso do jaquetão.

Tipoiás iam seguindo, arrastadas ao meio trote das piléas impotentes e lazarentas, que o cocheiro apoplético, mais lazarento ainda, incitava com berros ferozes.

Nos portais das tabacarias, rostos felizes, apaixonados de politica, fumavam charutos baratos.

Um carroceiro ia pigarreando umas coplas chulas, num tom dolente, o lenço entalado no pescoço forte, de veias inchadas e relezas. Passava agora do meio dia e fazia mais calor.

As arvores estorricadas deixavam pender os ramos secos para a terra e, nalguns troncos húmidos das ultimas chuvas, alastrava a lépra verde do musgo.

Das igrejas começa o exodo chic dos fieis.

As *toilettes* leves e espaventosas abundam por entre os córtes irrepreensíveis dos fatos dos homens.

Na escadaria vê-se tambem uma pobre com dois filhos raquiticos — gémeos talvez — chuchando os seios flácidos e estéreis. Mais adiante, num mendigo asqueroso nota-se uma chaga verdenha, de lábios hiantes ao sol quente.

Algum devoto mais caridoso, ou fariseu, despeja um vintem no chapéu esburacado do homem, ou no avental sujo da mulher, com que em casa trincando o quarto de pão, aprendem a ter mais fome no dia seguinte...

E no entanto desfilam carradas sobre carradas de gente para a tourada.

O sol brilha ainda, mas menos quente.

O som triste e solitário das campainhas dos animatógrafos chama à função.

Algumas pessoas entram, outras não, e tudo continua movendo-se no eterno corripio das cidades que se divertem, ou fingem divertir-se...

Dão as 6. O calor desapareceu e sopra uma leve brisa da barra.

O sol já não assoma atrás dos 4.º andares e deixa o clarão fulvo do seu estertor.

Daqui a pouco finda a tourada e o povo feliz volta ao lar.

No rosto lê-se-lhe o dom suprêmo, a doce beatitude da irresponsabilidade.

Janta, em tocante convívio com a família — os filhos em trajes menores, limpando dos olhos ramelosos, os vestígios das noites fraternalmente dormidas com os irmãos e as pulgas.

Janta, os géneros bons ou avariados, mas caros, que o comércio lhe fornece, por favor!

Lamenta a carestia da vida, acende uma ponta de charuto e corre ofegante ao teatro — à revista.

Noite adiante, depois do espectáculo, e por falta de carros, regressa a pé para casa, deita-se e dorme, na doce convicção de que se divertiu e de que o escritório, no dia seguinte só abre às 10.

Domingo, 15 de Abril de 1917.

JOSÉ MARIA MERCIER MARQUES.

TEATROS

A COMPANHIA FRANCÊSA

Trouxeram-nos os cartazes de Margo, a novidade da vinda duma companhia francesa para o Teatro Nacional. Jean Coquelin e Blanche Dufrêne eram as primeiras figuras; as peças do repertório, esplendido realmente, seriam representadas integralmente com a mesma distribuição das *Portes de Saint-Martin*.

Lisboa elegante, literária e *snob*, estremececeram de ansiedade no eterno fanatismo pelo que é estrangeiro e, sem averiguar primeiro a qualidade da fazenda, correram tributar-lhes os aplausos que regatearam aos nossos maiores artistas. E porquê?... Porque a companhia correspondeu à expectativa? Não, como veremos. Por delicadessa para com os visitantes? É pouco provavel. Então porquê? — Porque eram estrangeiros; porque vinham de Paris.

Foi a mais completa *blague* que à luz da ribalta se tem lançado ao nosso público. É de esperar do senso artístico parisiense, que nunca uma companhia onde tres artistas M.^{me} Jeanne Lion; Mrs. D'Amores e Jean Coquelin — mereciam este nome, tão prodigalisado em teatro, se atrevesse a representar no seio de Paris, com elementos como os que nós apresentou, peças como: *Cyrano de Bergerac*, *Marche Nuptiale*, *Maitre de Forges*, etc

Representar-se num país estrangeiro, a um público que, como o nosso, conhece a dramaturgia mais pela representação do que pela leitura, o *Cyrano*, da maneira como Mr. Jean Duval o interpretou, é o maior ultraje ao mérito dum autor como *Rostand*.

Um *Cyrano* sem a mínima sombra do *panache* que o fez imortal; que deixou passar despercebido como uma ninharia o monólogo do 1.º acto, tão pujante de *verve* e de ironia; um *Cyrano* que fez do soberbo duelo-balada, uma coisinha intermediária entre a esgrima de sabre e o jogo de pau, com umas palavras soltas à mistura!... E M.^{me} Blanche Dufrêne, a estrela da companhia? Não chega a descer ao nível dos outros, mas está bastante àquém do reclame de que veio precedida. Excessivamente enfática, vício de resto congénito da declamação francesa, conseguiu no entanto dar-nos um *Aiglon* muito aceitável e mesmo bom nalguns pontos. Bastante infeliz na *Roxane*, principalmente na morte de *Cristian*, vibrou contudo na *Flamblée* ao lado de D'Amores que aí se evidenciou um bom artista.

De todo o reportório a única peça que agradou em absoluto, já pela contestura, já pela interpretação, foi *Les Oberlés*, obra de flagrante actualidade e que bem merecia uma cuidada tradução.

A proverbial elegancia parisiense foi também totalmente desmentida por estes actores, que se apresentaram todos vestindo incorrecta e, por vezes, ridiculamente.

E apesar de tudo isto o nosso público que se mantém frio ante as verdadeiras obras de arte executadas pelos nossos grandes actores, (que também os temos, e de alto coturno), que aplaudira a sobriedade nobre de Guitry, foi ao Nacional por preços exorbitantes, deu palmas e... gostou muito.

Também, o que ha a esperar dum público que dá reuniões elegantes no Eden e que apelida de — distintos actores — os *dois pathaços reles* — Amarante e Nascimento Fernandes?

ADELINA ABRANCHES

Com a peça de Rossignol — *A Mãe*, reapareceu em Abril no Teatro Nacional, Adeline Abranches, a grande actriz da velha guarda, que a primavera nos restituiu.

Raras peças tão completas na técnica, tão vibrantes no diálogo, tão equilibradas no desempenho têm vivído nos nossos palcos. Podêmos chamá-la a tragédia do génio, a mais completa dramatisação da vida erigida de espinhos que acolhe os primeiros passos do artista de sentimento. É uma lição para os Novos; — pintores, poetas, actores, todos que têm na alma a scintella divina, sentem a grande e dolorosa verdade que a anima. O caracter da *Mãe*, extraordinariamente vivído por Adeline Abranches, é soberbo de precisão na sua auréola de mártir e de santa; Sacramento pôz toda a sua boa vontade na árdua interpretação do seu papel de apóstolo na verdadeira arte, ingénua na sua alma de ilusões, belo na purêsa dos ideais. Côte Real, um dos novos de largo futuro, encarnou com carinho a figura tão simpática do artista filósofo e paciente.

António Gomes, deixando a revista e tomando o caminho do verdadeiro teatro, foi admirável na simplicidade rústica, e boa do octogenário *Isidro*.

Otelo de Carvalho na sua bela dição exprimiu com verdade a filosofia da vida de artista no seu belo monólogo do primeiro acto.

Irene Neves, na sua rábula do *Juanilo*, marcou bem o tipo gaiato e ladino da personagem.

Foi em suma mais uma palma de glória para Adeline Abranches que nos veiu dar um banho de pura arte, a nós que dela tão pobres andámos.

VASCO CAMÉLIER.

BIBLIOGRAFIA:

CHARCOS — por Alfredo de Freitas Branco

Com uma dedicatória affectuosa, mandou-nos Freitas Branco o seu último livro. Penhorou-nos a oferta; a obra é de molde a colocar o seu autôr na vanguarda da ala dos «Novos». Freitas Branco revela um poder de síntese e de observação realmente notáveis, aliado a um temperamento de artista onde cooperam na realisação da obra, uma voluptuosidade pagã e ideais de esperança nobre e pura.

É bem a mão dum conhecedôr que disseca e põe a descoberto todas as taras duma sociedade degenerada. Não deve o autôr desanimar ante a má vontade de *críticos raquíticos* e invejosos que grosseiramente o maltratam; é um Novo, tem a animá-lo o talento e o fogo da esperança — *Alea jacta est!*

AS TRES PRINCESAS MORTAS NUM PALÁCIO EM RUÍNAS — por João Cabral do Nascimento

É dos poetas novos de fantasia mais estranha e exuberante. Nas suas rimas ha uma réstea da ingenuidade rude do passado e um clarão do sensacionismo nervoso do futuro. O livro de que lhes falo é, em vinte sonetinhos, a historia de tres princesas que viveram na alma do poeta e nela deixaram um rasto de doentias saudades. Não será de todo isento de defeitos, (construções gramaticais ousadas, idéas estranhas, etc); mas como ha de um Novo eximir-se a essas pequenas faltas, provenientes tanta vez da vivêsa da fantasia ardente dos vinte anos?...

Ao autôr agradecêmos pois a oferta da sua obra, augurando-lhe um belo porvir se assim continuar trabalhando e progredindo.

V. C.

A MINHA TERRA — por António Corrêa de Oliveira

Terminou este bello poeta a série admirável dos seus dez poemas que, ha pouco mais dum ano, vem a publicar.

Enaltecer o valôr de semelhante obra, seria elogiar apagadamente aquilo que todos conhecem e admiram, como sendo uma das melhores dos últimos tempos, e que para sempre ha-de ficar de pé a lembrar ao Futuro, a dôce religiosidade e a fé que a compozeram.

É a alma de Corrêa de Oliveira que palpita em todas aquelas páginas, a cantar e a rezar, sempre na ansia imensa de dizer melhor. Cada um dos seus versos é o espinho da forma em que a sua alma se rasga em farrapos multicolores que se ficam a acenar-nos de longe um doloroso adeus.

É ôle proprio que diz:

Quiz falar da minha terra,
.....
Calasse e fôra o melhor...

Não, não fôra! Continue o poeta essa tortura imensa de Expressar, que a sua alma ha-de surgir-nos sempre, tal como é, a acalantar a nossa, nesta hora excepcional de perigo e de morte.

OS LIVROS DO POVO

Diz o seu prospecto de apresentação: «Educar um povo é assegurar o seu progresso e a sua vitalidade».

Bastavam-nos só estas palavras cheias de fé, para, logo de princípio, darmos a essa nova publicação toda a nossa melhor simpatia. Mas quem lê o programa de trabalho futuro, quem vê e pensa nos benefícios incontestáveis que uma série de livros como estes, vem trazer ao nosso povo, tão falho de idéas sólidas e claras, em momentos excepcionais como os que atravessámos, ainda mais, imensamente mais, aumenta a nossa admiração por tão bela quanto elevada tentativa.

Modicíssimo o seu preço, só é pena que, para se adquirirem tão úteis conhecimentos como os que essa biblioteca se propõe divulgar, haja um enorme senão: que nem todos saibam ler!

Agradecemos a recepção do primeiro número da *Alma Académica*, mensário orgão da Associação Académica do Liceu de Camões. Alegrou-nos vêr que germinam bástamente as publicações, tendentes á iniciação dos novísimos que, como esta, algumas vezes tomam o character acentuado de uma boa orientação. Os nossos melhores desejos pelos progressos deste interessante periódico.

M. A. P.

Antiga Casa Encarnação

SUCCESSOR

M. V. DA FONSECA

Premiado em diversas exposições

25, 27, Rua da Victória, 29, 31 — Rua dos Correiros, 74 a 96

Cofres fortes á prova de fogo e caixas para joias

PRENSAS E SEUS ACESSÓRIOS PARA COPIAR

Oficina de Serralheria para Construcções e Reparações de Balanças e Cofres

Rua dos Correiros, 74 a 96 (Vulgo Travessa da Palha)

CASA FILIAL: — Rua 24 de Julho, 116-A e 116-B

N. B. — Não se responsabilisa pelos concertos depositados mais de 30 dias

Telefone 3061

Único preservativo contra
a humidade ou salitre
das paredes
e impermeabilidade
de terraços

AGENCIAS

em Beja, Extremoz,
Caldas da Rainha
e Santarem.

ASFALTO

Telefone:

CENTRAL 3799

JOSÉ AUGUSTO ALVES

Rua Vitorino Damasio, 16 e 18
(ao Jardim de Santos) — LISBOA

Propaganda Postal

Postais ilustrados
em todos os géneros

Grandes descontos aos revendedores

Rua da Boa Vista, 77

LISBOA

Telefone CENTRAL 1818

A. S. PONS & C.^{TA}

A decorative border with a repeating floral or leaf-like pattern in dark ink, framing the central text on the book cover.

VAGO